

200

FORMAS DE NOMINAÇÃO ENTRE AS FAMÍLIAS DO PROGRAMA LARES SUBSTITUTOS.

Simone Rolim de Moura, Claudia Lee Williams Fonseca (orient.) (Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS).

A prática de colocação familiar de crianças em lares substitutos existe informalmente no Brasil há muito tempo. Foi criado no ano de 1975 no estado do Rio Grande do Sul um programa na ex-FEBEM que visava formalizar essa prática de colocação familiar com a contratação de mulheres que deviam acolher nas suas casas crianças que passavam pela instituição. O programa foi extinto apenas no início de 2003. Busca-se com as famílias que ainda participavam desse programa no fim de 2002 um estudo sobre suas representações de família que mesclam noções de parentesco biológico, ritual e adotivo. Para tanto, a base de entrevistas com roteiro aberto focalizar-se-á a maneira em que membros da família nomeiam uns aos outros. Além da questão dos nomes e sobrenomes, ainda serão relevantes os termos de classificação: “irmão”, “mãe”, “filho” ou outros. A base dos dados iniciais de pesquisa, é possível levantar a hipótese de que o modelo nuclear de família, naturalizado em particular entre agentes de intervenção, não é adequado para explicar relações aos lares substitutos pesquisados. Uma compreensão adequada exige a consideração não somente das circunstâncias particulares de colocação pelo estado, mas também das redes tradicionais de ajuda mútua entre famílias da periferia urbana. (PIBIC/CNPq-UFRGS).